

**O REI DO MONTE BRASIL,  
de Ana Cristina Silva, ganha  
a 1ª edição do prémio literário Urbano Tavares Rodrigues  
(FENPROF/SECRE, 2013)**

Paulo Sucena

1. Permita-se-me que no dia da entrega do prémio Urbano Tavares Rodrigues a Ana Cristina Silva pelo seu romance “O Rei do Monte Brasil” (Oficina das Letras, 2012) repesque algumas das palavras e acrescente outras às que escrevi recentemente na revista “Correntes D’Escritas”.

Urbano Tavares Rodrigues nasceu ainda durante a 1ª República, porém 48 anos da sua vida foram vividos sob a asfixia da ditadura. A sua obra, muitas vezes logo nos títulos, reflecte esse clima vivido num país calafetado, do mesmo modo que, coerentemente, o cidadão Urbano Tavares Rodrigues age na vida real de modo idêntico ao de algumas das personagens das suas obras de ficção, ao lutar por uma pátria livre, democrática, justa e solidária.

A sua integridade moral e os princípios éticos por que pautou uma vida de resistente antifascista levaram o regime ditatorial a afastá-lo, em 1959, da sua actividade docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que iniciara em 1957, bem como de todo o ensino público, a que se seguiram, mais tarde, as prisões e a tortura.

A experiência individual e colectiva sobre as quais Urbano nunca deixou de reflectir estimularam-lhe permanentemente a necessidade de comunicar, de falar com os outros, e fê-lo com grande intensidade como jornalista, como ficcionista, como ensaísta, como autor de livros de viagens e crónicas e como orador político.

Urbano Tavares Rodrigues foi um semeador de ventos contra o marasmo do país, um jorro de luz contra o obscurantismo vigente, uma voz de unidade e humanidade que ora mostrava a amargura e o desespero do povo português, ora acendia uma luz de esperança e confiança nos *bastardos do sol* que era (é) preciso não deixar esmorecer na *noite roxa*.

Ao longo do tempo e das muitas e diversificadas peripécias da vida cresceu o admirador da obra e da vida de Urbano Tavares Rodrigues e nasceu e fortaleceu-se uma fraterna amizade que tanto me enriqueceu. Gostaria ainda de prestar singela homenagem à sua figura ímpar nos meios intelectuais e artísticos de Portugal, frequentemente sinuosos e deselegantes, a quem nunca ouvi proferir uma palavra

mordaz ou mesquinha, de inveja ou malquerença, de cinismo ou menosprezo contra qualquer dos seus companheiros de vida literária.

À designação deste prémio literário instituído pela FENPROF/SECRE junta-se o perfil de um intelectual de primeira água, a memória de uma grande figura cívica e moral e também a de um cidadão ímpoluto, a de um democrata e humanista a quem o povo de Abril poderia dizer na praça da canção, simbolicamente, como quem ateia uma fogueira de força e de coragem contra os coveiros de Portugal e da cidadania do seu povo: Urbano Tavares Rodrigues, *a pátria estava toda em ti!* E a voz do poeta de “Praça da Canção” ouvir-se-ia com certeza nesse coro a clamar o seu verso de 1965.

2. Gostaria de, em seguida, congratular-me pelo significativo número de obras e pela qualidade de muitas delas com que os docentes enriqueceram esta 1ª edição do prémio Urbano Tavares Rodrigues para novela e romance.

Neste tempo em que vivemos, caracterizado por uma permanente degradação da democracia, por um confrangedor desempenho dos “governantes” que se parecem tanto com estadistas como um ovo com um espeto, por uma total falta de ética política, por uma estratégia governamental absurda que quanto mais se afirma mais destrói o país e a dignidade dos cidadãos, neste tempo de agonia que sofremos, os professores deram uma cabal prova de que são uma classe profissional cujo trabalho intelectual ultrapassa as profundas exigências do seu quotidiano de docentes e de investigadores. Bem hajam por terem tornado esta 1ª edição do prémio literário Urbano Tavares Rodrigues digna do seu patrono.

Na verdade, o júri não teve o trabalho facilitado e levou inclusivamente para a reunião em que o prémio foi atribuído meia dezena de livros para uma apreciação crítica final, alguns dos quais também tinham acontecimentos históricos como pano de fundo para o desenvolvimento da acção romanesca, até se decidir, por unanimidade, pelo romance “O Rei do Monte Brasil”, de Ana Cristina Silva.

Creio que na sessão de atribuição do prémio é mais do que justo felicitar vivamente a FENPROF e a SECRE pela iniciativa e dirigir uma palavra de sinceros parabéns a todos os concorrentes, com um natural realce para Ana Cristina Silva.

3. É o momento, *last but not the least*, de dedicar umas breves palavras ao livro vencedor do prémio literário Urbano Tavares Rodrigues.

“O Rei do Monte Brasil” desenvolve-se ao longo de onze capítulos harmoniosamente orquestrados. No primeiro, Gungunhana toma conhecimento pelo jornal do suicídio de Mouzinho de Albuquerque, no dizer do narrador esse homem “altivo e sequioso de fama e poder”, essa “corrente maldita” que, na opinião de Gungunhana, habita no crepúsculo, o que gera uma inusitada alegria no antigo régulo. Todavia, esse entusiasmo é breve, porque Gungunhana confessa, pouco depois, que “as sombras alongadas da tarde confirmam que não passo de um preto velho à caça de coelhos”. Premonição do fim que ocorrerá no último capítulo, quando o antigo rei africano, que tratava o rei D. Carlos por “pai”, constata que “o mundo das

assombrações não tardará a chegar” à cama de hospital onde, imóvel, se deixa estar deitado.

Um romance que começa com o suicídio de uma das duas personagens principais e termina com a morte da outra, apetece-me apelidá-lo, por influência de um verso de W. Goethe, de romance crepuscular se me permitirem parafrasear e amplificar o verso “Dämmrung Senkte Sich Von Oben” para poder escrever que assistimos, durante a diegese assumida pelos dois narradores homodieéticos, à descida do crepúsculo desde o alto das vidas de Mouzinho e Gungunhana até amargamente por ele ficarem envolvidos ou até ambos habitarem no mundo das assombrações.

Sendo “O Rei do Monte Brasil” um romance que relativamente a Mouzinho se inicia “in ultimas res”, Ana Cristina Silva, através de uma arguta construção romanesca de que é de assinalar o hábil jogo das analepses, oferece ao leitor, o que não é pouco nem despiciendo, um texto narrativo que dá prazer ler e reescrever enquanto se lê.

De outro ângulo, gostaria de sublinhar que, evidenciando “O Rei do Monte Brasil” uma discreta tonalidade lírica na relação de Gungunhana com Vuiaze e na do impossível amor de Mouzinho por D. Amélia, essa tonalidade é potenciada por um clima dramático, motivado pelo facto da narração ser comandada ora por Gungunhana ora por Mouzinho de Albuquerque.

Avançando brevemente noutro caminho, direi que a autonomia da arte supõe uma relação. Bakhtine afirmou que “arte e vida não são uma, mas elas devem unir-se em mim”, princípio que Ana Cristina Silva assumiu, unindo a arte da sua escrita a aspectos da vida das duas personagens que histórica e criteriosamente estudou, o que me permite citar, a propósito deste “O Rei do Monte Brasil”, uma frase de Manuel Gusmão, retirando-a do contexto: “este livro tem tudo a ver com uma forma de vida; é mesmo a intensificação de uma dor.” (ou melhor, acrescento eu, de duas).

Como hei-de terminar estas breves palavras sobre “O Rei do Monte Brasil”? Talvez não seja ousado terminá-las com um poema de Nietzsche, não “A Despedida” (que poderia ser) mas com “O Mais Solitário”:

*Agora que o dia  
Se cansou do dia, e os arroios de toda a saudade  
Murmuram novo conforto  
E todos os céus, pendentes de teias de aranha de ouro,  
Dizem a todo o cansado: «repousa!» –  
Por que é que não descansas, coração escuro?  
Que espinho te aguilhoa a fugir de pés em chaga?...  
Por quem esperas?*

Se não me engano, o poema percorre de modo subtil, por vezes indirecto, todo o romance de Ana Cristina Silva e subitamente apetece-me responder à última interrogação do poema, parafraseando o Herberto Helder de há 55 anos: Se te

apreendessem as minhas mãos, ó poder, ó glória, ó amor, ó prestígio, de vós viriam cheias minhas mãos sem nada.

E só uma nota a terminar que não sendo minha, a sinto ressoar no alto de mim: parafraseando Manuel Gusmão, na esteira de Wittgenstein, digo que este romance “dá a imaginar diferentes formas de vida e nesse sentido pode mover ou co-mover o viver”.

Lisboa, 11 de Outubro de 2013